

Escatologia “Segundo Deus”

C. Naaktgeboren*

Compilado em 2022-04-27 às 03:13:11h (UTC) - Revisão 0

Resumo

Aqui vai o resumo.

Licença



<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Conteúdo

Conteúdo	1
1 Introdução	2
1.1 Escatologia “Segundo Deus” — Definições . . .	5
1.2 Objetivos Gerais	8

*C. Naaktgeboren <bibliashare@gmail.com>

2	Princípios Bíblicos Para Escatologia “Segundo Deus”	8
2.1	Axiomas	8
2.2	Da Unicidade da Realidade do Princípio ao Fim	9
2.3	Da Veracidade Das Profecias Divinas	10
2.4	Da Equivalência Entre Profecias e Promessas Di- vinas	11
2.5	Da Verificabilidade Das Profecias Divinas	12
2.6	Da Vigilância Divina à Sua Palavra	14
2.7	Cumprimento Literal ou Alegórico?	15
2.8	Da Genuína Intenção de Deus	19
2.9	Da Tradição de Deus	20
2.10	Do Direcionamento da Palavra de Deus	22
3	Algumas Implicações	23
4	Conclusão	25
A	Generalização Para Qualquer Doutrina Bíblica	26
	Referências	29

1 Introdução

O assunto de *escatologia bíblica* — que é o estudo das profecias bíblicas, ou, etimologicamente, a junção de ἔσχατος, que, segundo Bailly [4, pp. 817–8], significa: “*o que está na extremidade, no extremo, no final; tanto nos sentidos espacial quanto temporal; portanto: as últimas coisas*”¹, juntamente com -λογία: palavras [7] (estudo), a saber: o estudo das últimas coisas, com base na Bíblia — mostra, na atualidade, uma grande variedade

¹LIT: «qui est à l’extrémité, extrême, dernier : **I** (avec idée de lieu) ... **II** (avec idée de temps) : ... le dernier ... ».

de visões de mundo, com vertiginosas disparidades e irreconciliáveis incompatibilidades de conclusões a que chegam os diferentes estudos, os quais, *supostamente*, empregaram as mesmas Escrituras como base.

Percebe-se um contraste aberrante entre aquilo que as Escrituras Sagradas revelam acerca do “**único Deus verdadeiro**” Jo 17.3 (ARA) [1] com o atual estado de coisas da escatologia bíblica. Diagnostica-se, com isso, não apenas um cenário lamentável para a cristandade, mas também um atestado dos efeitos de uma batalha entre luz e trevas, entre verdade e engano, no qual o engano parece estar colhendo do muito que semeou.

Porém, as Escrituras trazem a seguinte exortação:

“esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz; há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.” — Ef 4.3 (ARA) [1]

Desta porção, já se pode concluir que a mera existência de uma grande multiplicidade de escatologias, com conclusões mutuamente incompatíveis e irreconciliáveis *não é fruto da ação de Deus no corpo*, porém, certamente do inimigo de nossas almas, através de homens de artimanha, os quais com astúcia induzem ao erro, conforme o que está escrito:

“E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para

o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro.” — Ef 4.7,11-14 (ARA) [1]

Creio, assim, não apenas na *existência*, mas também na *possibilidade* de abordagem da escatologia (assim como de qualquer assunto da Palavra de Deus), pelo dom de Cristo, de modo a formar o são e correto ensino; a chegar nas conclusões verdadeiras, no sentido verdadeiro das profecias, “segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” Ef 1.11 (ARA) [1], pois que também a Escritura testifica, por meio de Moisés:

“Porque este mandamento que, hoje, te ordeno não é demasiado difícil, **nem está longe de ti. Não está nos céus**, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? **Nem está além do mar**, para dizeres: Quem passará por nós além do mar que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Pois **esta palavra está mui perto de ti**, na tua boca e no teu coração, para a cumprires.” — Dt 30.11-14 (ARA) [1]

1.1 Escatologia “Segundo Deus” — Definições

Tem-se em mente uma abordagem escatológica “segundo Deus”², feita “à maneira de Deus;” aquela que, baseada unicamente em verdade, é conduzida em retidão e chega à verdade, a saber, ao que o próprio Deus tem reservado para o futuro e vem anunciando desde o princípio:

Definição 1 (Escatologia “Segundo Deus”). *A escatologia “segundo Deus” é aquela feita “segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” Ef 2.24 (ARA)[1].*

Passa-se também à definição de escatologia com erro — entendido como qualquer violação direta de qualquer um ou mais preceitos das Escrituras — ou escatologia com engano, ou enganosa, que não é segundo Deus:

Definição 2 (Escatologia Com Erro). *Seja a escatologia com erro, aquela que incorre em erro, seja nas suas premissas, ou nos seus métodos, ou nos seus processos, ou nas suas conclusões.*

De acordo com Daepf e Gorkin, podemos enunciar uma sentença que *sempre é verdadeira*, por meio de um teorema [5, p. 17]:

Teorema 1 (Dicotomia Escatológica). *Qualquer escatologia será ou “segundo Deus”, ou “com erro.”*

Prova do Teorema da Dicotomia Escatológica. Seja uma escatologia ϵ_i qualquer, com $i \in \{1, 2, 3, \dots\}$ sendo um índice que numera-a, identificando-a de forma única e inequívoca.

²A expressão “segundo Deus” também aparece em 1Pe 4.6 e três vezes em 2Co 7.9-11.

Caso (i) ϵ_i incorra em erro (contenha erro), será, pela Definição 2, uma escatologia “com erro.” Neste caso, tal escatologia não poderá ser “segundo Deus”, pois está escrito:

“Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque **mentira alguma jamais procede da verdade.**” — 1Jo 2.21 (ARA) [1]

violando a Definição 1, pelo erro jamais proceder da verdade.

Caso (ii) ϵ_i não contiver erro, não incorrer em erro, terá sido feita “segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” Ef 2.24 (ARA) [1] e será, portanto, pela Definição 1, escatologia “segundo Deus”.

Neste caso, tal escatologia não poderá ser “com erro,” pois a premissa de não conter erro viola a Definição 2.

□

Uma vez provado o Teorema 1, seguem-se os dois Corolários³ abaixo:

Corolário 2. *Nenhuma escatologia pode ser simultaneamente “segundo Deus” e “com erro.”*

Corolário 3. *A união das Definições 1 e 2 contém todas as escatologias.*

As Definições 1 e 2 dadas são úteis na *classificação* de escatologias que **devem ser abandonadas** por membros do corpo de Cristo (à luz de Ef 4.7,11–14, já citado), e aquelas⁴, “segundo

³Corolários são consequências lógicas de um Teorema.

⁴Adianto aqui que a pluralidade das escatologias “segundo Deus” é devida unicamente em função do escopo, e não do teor, meramente para fazer o argumento.

Deus”, que **deve ser guardada** e também *crida, ensinada e proclamada*.

Importa notar que tudo o que foi estabelecido até este ponto pode ser **GENERALIZADO PARA QUALQUER DOCTRINA BÍBLICA**, desde as Definições, incluindo o Teorema, sua Prova e seus dois Corolários. Esta generalização é colocada no Apêndice.

Muito embora sejam úteis as Definições 1 e 2 dadas, elas não são, necessariamente, de fácil ou consensual aplicação, especialmente em um cenário — o atual — no qual proliferam, não apenas diferentes visões de mundo, mas igualmente, erros grosseiros nas diferentes abordagens escatológicas, além de evidência de muito desapeço por exatidão e verdade.

De um ponto de vista prático, se um número razoável de *princípios* for identificado, tais que sejam (a) *indispensáveis* a estudos proféticos “**segundo Deus**”, e que também sejam (b) de fácil demonstração quanto à sua violação; ter-se-á INSTRUMENTOS PARA COMPROVAÇÃO DE ESCATOLOGIAS “COM ERRO”, uma vez que o caso (i) da Prova do Teorema da Dicotomia Escatológica, classifica inequivocamente a escatologia sob análise como sendo “com erro.”

Assim, caso uma escatologia ϵ_i viole *qualquer um* dos princípios reunidos, os quais são, por definição, *indispensáveis* a estudos proféticos “**segundo Deus**”, qualifica-se e expõe-se, **cabalmente** o erro incorrido pela escatologia ϵ_i em questão!

As vantagens da presente abordagem incluem: (1) *não* se faz necessário deduzir um conjunto *suficiente* de princípios, apenas alguns *necessários* a estudos “**segundo Deus**”, e (2) a busca *não necessita ser exaustiva*, podendo ser focada em uma dada escatologia específica sob análise, e podendo ser complementada em estudos e ocasiões posteriores, e, finalmente, (3) os princípios reunidos servem de balizadores objetivos do que se deve fazer ou

evitar em estudos escatológicos e/ou proféticos em curso, uma vez que, antes de empreender qualquer abordagem no assunto de profecias, é de extrema importância identificar e pautar-se no que as Escrituras afirmam sobre Deus e sobre si mesmas, em conexão ao estudo de profecias.

1.2 Objetivos Gerais

Assim, este estudo objetiva *identificar* e *enunciar*, de acordo com as Escrituras, alguns *princípios bíblicos* que sejam, por definição, *indispensáveis* a estudos proféticos e a escatologia “segundo Deus”, com vistas à exposição de erros em escatologias, podendo classificá-las cabal e inequivocamente como “escatologias com erro,” de acordo com Definição 2 dada, fornecendo, assim, os aludidos INSTRUMENTOS PARA COMPROVAÇÃO DE ESCATOLOGIAS “COM ERRO”.

2 Princípios Bíblicos Para Escatologia “Segundo Deus”

2.1 Axiomas

O assunto já delineado será estudado com base nos seguintes axiomas:

1. Há um só Deus;
2. As Escrituras Bíblicas são Palavra deste Deus;
3. As Escrituras Bíblicas são verdade.

Entende-se por “Escrituras Bíblicas” o conjunto coeso de 66 livros, composto pelos 39 livros da Bíblia Hebraica e pelos 27 livros do Novo Testamento Cristão.

2.2 Da Unicidade da Realidade do Princípio ao Fim

Observa-se que as Escrituras *sempre são assertivas* em relação (i) à *realidade* e (ii) à *história*, a exemplo de:

“E fez Deus a expansão e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. **E assim foi.**” — Gn 1.7 (ARC) [2]

A sentença: “**E assim foi,**” indica uma **realidade e história únicas** — “assim,” e não de outra forma diferente ou paralela. Além disso, pelas Escrituras, Deus afirma, *assertivamente*, quanto (iii) ao *futuro*, por meio de Isaías:

“Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade: que **eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio** e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: **o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade;**” — Is 46.9,10 (ARC) [2]

A capacidade de anunciar, **acertadamente** “coisas que ainda não sucederam” é um *atributo exclusivo de Deus, que o distingue de todos os demais seres*, conforme “**não há outro semelhante a mim**”. Ainda, o que Deus anuncia, pela sua Palavra, é “**o fim desde o princípio**” — note: “o fim,” no singular, e não uma

multiplicidade de ‘possíveis’ fins, indicando, assim, um **futuro único**.

As Escrituras falam, portanto, de *história única*, de *realidade única* e de *futuro único* — de modo que o espaço-tempo dos “**céus e terra**” possui **unicidade**, sem ‘realidades paralelas’.

Está demonstrado, então, pelas Escrituras, a *unicidade da realidade do princípio ao fim*, de onde se extrai:

Princípio 1 (Princípio da Unicidade da Realidade do Princípio ao Fim). *Existe, de acordo com as Escrituras, apenas uma ÚNICA REALIDADE, uma ÚNICA HISTÓRIA e um ÚNICO FUTURO, que se realizará.*

2.3 Da Veracidade Das Profecias Divinas

O Senhor Deus, ao reiterar seus atributos a Judá, por meio do profeta Isaías, o faz de forma *taxativa*:

“Porque assim diz o Senhor, que **criou os céus**, o Deus que **formou a terra**, que **a fez e a estabeleceu**; que não a criou para ser um caos, mas para ser habitada: **Eu sou o Senhor, e não há outro.**”

— Is 45.18 (ARA) [1]

Sabemos, pela Carta aos Romanos, que “os atributos invíveis de Deus, assim o seu **eterno poder**, como também a sua **própria divindade**, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo **percebidos** por meio das **coisas que foram criadas.**” Rm 1.20 (ARA) [1], de sorte que ao declarar-se Autor de céus e terra, quando falou por meio do profeta Isaías, “**claramente se reconhece**” que Deus está a evocar Seus atributos de “**eterno poder, como também a sua própria divindade**”.

Este Deus de eterno poder continua, por meio do profeta, dizendo:

“Não falei em segredo, nem em lugar algum de trevas da terra; não disse à descendência de Jacó: Buscai-me em vão; eu, o Senhor, falo a verdade e proclamo o que é direito.” — Is 45.19 (ARA) [1]

Aqui é acrescentado que a revelação de Deus não foi secreta e com o bendito testemunho: **“eu, o Senhor, falo a verdade e proclamo o que é direito”**.

Assim, está diretamente declarado nas Escrituras que as proclamações de Deus por intermédio de seus profetas — a saber, *todas as profecias* — *são verdade e direito*.

Princípio 2 (Princípio da Veracidade das Profecias Divinas). *De acordo com as Escrituras, todas as profecias divinas são verdade e direito.*

2.4 Da Equivalência Entre Profecias e Promessas Divinas

“E assim, depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa.” — Hb 6.15 (ARA) [1]

A veracidade das profecias divinas implica em certeza de seu cumprimento, portanto *as profecias divinas são promessas divinas*, mas quais é justiça esperar — **“É o caso de Abraão, que creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.”** Gl 3.6 (ARA) [1].

Ainda, cita-se:

“**E a si mesmo se purifica** todo o que nele tem esta **esperança**, assim como ele é puro.” — 1Jo 3.3 (ARA) [1]

E também:

“**Bem-aventurados** aqueles que **leem** e aqueles que **ouvem** as palavras da **profecia** e **guardam** as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo.” — Ap 1.3 (ARA) [1]

As Escrituras declaram e extrai-se o princípio da equivalência entre profecias divinas e promessas divinas:

Princípio 3 (Princípio da Equivalência Entre Profecias e Promessas Divinas). *De acordo com as Escrituras, todas as profecias divinas são promessas divinas, nas quais é justiça esperar.*

2.5 Da Verificabilidade Das Profecias Divinas

Sendo a realidade única e as profecias promessas sempre verdadeiras; com a passagem do tempo, aquilo que antes era futuro, a saber, as “**coisas que ainda não sucederam**” Is 46.10ARC, uma vez chegado seu tempo e cumpridas, podem ser assim testemunhadas, ou verificadas, pelos homens. Tais exercícios de constatação são frequentemente registrados nas Escrituras:

“**Nenhuma promessa falhou** de todas as **boas palavras que o Senhor falara** à casa de Israel; **tudo se cumpriu.**” — Js 21.45 (ARA) [1]

“**Nenhuma promessa falhou**” / “**tudo se cumpriu.**” — as profecias divinas são verificáveis a seu tempo. Que maravilha!

Ainda, os Evangelhos atestam muitos cumprimentos de profecias:

“Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles. Ora, tudo isto **aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta:** Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).” — Mt 1.21–23 (ARA) [1]

E depois:

“Dispondo-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito; e lá ficou até à morte de Herodes, **para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta:** Do Egito chamei o meu Filho.” — Mt 2.14,15 (ARA) [1]

E em seguida:

“Então, **se cumpriu o que fora dito por intermédio do profeta Jeremias:** Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto, [choro] e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem.” — Mt 2.17,18 (ARA) [1]

E em seguida:

“E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, **para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas:** Ele será chamado Nazareno.” — Mt 2.23 (ARA) [1]

A cada *verificação* do *cumprimento fiel* das *profecias divinas*, **Deus é glorificado como Deus**, como o único “**que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam;**” Is 46.10 (ARA) [1].

Assim, o princípio da verificabilidade das profecias divinas é abundantemente suportado pelas Escrituras, de onde, então, se enuncia:

Princípio 4 (Princípio da Verificabilidade Das Profecias Divinas). *De acordo com as Escrituras, todas as profecias divinas cumprem-se a seu tempo, após o qual é possível verificá-las, conferindo-as com a realidade dos acontecimentos, “para que se ouça e se diga: Verdade é!”*

(Esta última citação é de Is 43.9 (ARA) [1]).

2.6 Da Vigilância Divina à Sua Palavra

As Escrituras frequentemente explicam que certas coisas vieram a acontecer com o propósito específico de *cumprir profecia*, de *cumprir o que está escrito*:

“Tudo isto, porém, **aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas**. Então, os discípulos todos, deixando-o, fugiram.” — Mt 26.56 (ARA) [1]

Eminentemente, temos a visão da vara de amendoeira, dada a Jeremias: “**Veio ainda a palavra do Senhor, dizendo: Que vêst tu, Jeremias? Respondi: vejo uma vara de amendoeira.**” Jr 1.11 (ARA) [1], e a resposta divina foi:

“Disse-me o Senhor: Viste bem, porque **eu velo sobre a minha palavra para a cumprir.**” — Jr 1.12 (ARA) [1]

Note-se que ‘velar’ significa: “permanecer de vigia, de sentinela” [6]. Assim, o Deus que está “**sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder**” Hb 1.3 (ARA) [1], que “**é antes de todas as coisas**” e no qual “**tudo subsiste**” Cl 1.17 (ARA) [1], permanece de sentinela para **cumprir** Sua Palavra!

Princípio 5 (Princípio da Vigilância Divina à Sua Palavra). *De acordo com as Escrituras, Deus mantém constante vigilância à toda a sua Palavra, com o propósito de cumprí-la.*

2.7 Cumprimento Literal ou Alegórico?

Para que não haja qualquer dúvida sobre a firmeza do propósito Divino no cumprimento fiel de suas promessas e profecias, tem-se, no Livro de Deuteronômio — portanto na Lei, a profecia da vinda do profeta em cuja boca Deus colocaria Suas Palavras:

“Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, **em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.**” — Dt 18.18 (ARA) [1]

A profecia é solene; Deus continua:

“De todo aquele que não ouvir as **minhas palavras, que ele falar em meu nome**, disso lhe pedirei contas. Porém o profeta que **presumir de falar alguma**

palavra em meu nome, que eu lhe não mandei falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta **será morto.**” — Dt 18.19,20 (ARA) [1]

Aqui as implicações são seríssimas — vida ou morte! — Tal que se torna *absolutamente imperioso* distinguir adequadamente a Palavra do Senhor daquela de falsos profetas.

O texto segue, providencialmente, nesta exata direção: “**Se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou?**” Dt 18.21 (ARA) [1], e a resposta divina *não deixa dúvidas*:

“Sabe que, quando esse profeta falar em nome do Senhor, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é a palavra que o Senhor não disse; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele.” — Dt 18.22 (ARA) [1]

O termo “**Sabe que**” é para dar *certeza plena no assunto*! O v. 22 revela qual é a palavra que o Senhor “**não disse**” — a saber, aquela que “**não cumprir, nem suceder, como profetizou**”.

Aqui Deus propõe um *teste de realidade*, e falsas profecias não passam no teste de realidade, a saber: do *cumprimento como profetizado*.

Nosso interesse é extrair, por meio das Escrituras, conhecimento sobre as profecias de Deus. Se uma profecia é de Deus, tal não pode ser “**a palavra que o Senhor não falou**” do v. 21; por outro lado, “**a palavra que o Senhor não falou**”, do v. 21, não pode ser de Deus. Claramente tem-se aqui apenas duas possibilidades: ou a profecia (i) é de Deus, ou ela (ii) não é. O texto sagrado aqui é *suficiente* para a determinação de todos os dois possíveis casos, pelo emprego da lógica mais elementar no

entendimento do texto. Se uma possibilidade foi enunciada, sua *negação* leva, necessariamente, à outra.

Desta forma, tem-se, *com certeza* — por ser verdade e pelo: “**Sabe que**” do início do v. 22 — que **a palavra que o Senhor disse cumprir-se COMO PROFETIZADA**, de acordo com Dt 18.22! E assim elimina-se, efetivamente e pela Palavra de Deus, qualquer possibilidade de cumprimento aproximado, genérico, em alegoria, de sentido, leitura ou conclusão *diferente de como está escrito*, diferente de **como foi profetizado**.

Importa pontuar que a própria profecia do verso 18 cumpriu-se **LITERALMENTE** em Jesus Cristo:

“Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? **As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras.**” — Jo 14.10 (ARA) [1]

Foi profetizado: “**em cuja boca porei as minhas palavras**”, e cumpriu-se “**As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo**”, ou seja, **cumpriu-se como profetizado!**

E ainda, com relação ao que foi profetizado: “**ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar**”, temos o registro do cumprimento, em Jesus Cristo, assim:

“Então, lhes falou Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que **o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente** aquilo que vir fazer o Pai; porque **tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz.**” — Jo 5.19 (ARA) [1]

E ainda:

“E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque **eu faço sempre o que lhe agrada.**”
— Jo 8.29 (ARA) [1]

portanto, novamente **cumprimento como profetizado!**

Assim, pelas Escrituras, derivou-se o princípio de que **profecia de Deus cumpre-se como foi profetizada**; portanto:

Princípio 6 (Princípio do Cumprimento Como Profetizado). *De acordo com as Escrituras, todas as profecias divinas cumprem-se como profetizadas.*

Somente Deus sabe *acertadamente* o futuro, e Sua Palavra diz que **Ele não profetiza coisas que não se cumprirão como profetizado** — afinal, tais são exemplos de “**palavra que o Senhor não disse**”; assim, temos, como Corolário do Princípio 6:

Corolário 4 (Alegação de Cumprimento Alegórico). *De acordo com as Escrituras, não se pode alegar, para qualquer profecia divina, cumprimento com sentido diferente, diverso de como elas encontram-se profetizadas.*

Por outro lado, falsas profecias é que devem ter seu “entendimento” elasticado, generalizado, maleabilizado e alegorizado para poderem encaixar-se em *qualquer coisa* que venha a acontecer e assim, alegar cumprimento e legitimidade — uma manipulação maliciosa necessária a criaturas incapazes de prever acertadamente o futuro — e fazer isso com profecias divinas, em violação do Corolário 4, é blasfêmia contra Deus, ao reduzi-Lo ao patamar de falso profeta.

2.8 Da Genuína Intenção de Deus

Lê-se nas Escrituras, que o enviado Paulo falava, da parte do próprio Deus com *sinceridade*:

“Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com **sinceridade e da parte do próprio Deus.**” — 2Co 2.17 (ARA) [1]

Também temos o testemunho de que **Deus é fiel** e por isso, Sua palavra não tem duplo sentido:

“Antes, como **Deus é fiel**, a **nossa palavra** para convosco **não é sim e não.**” — 2Co 1.18 (ARA) [1]

Ainda, corrobora com tais testemunhos:

“Na verdade, **Deus não procede maliciosamente;**” — Jó 34.12 (ARA) [1]

e também:

“**Fez o Senhor o que intentou;**” — Lm 2.17 (ARA) [1]

e ainda:

“**se somos infiéis, ele permanece fiel,**” — 2Tm 2.13 (ARA) [1]

As Escrituras, portanto, abundantemente testificam da fidelidade, sinceridade, bondade e verdade de Deus, cuja Palavra só pode significar exatamente o que diz. Deus não é falso, nem procede maliciosamente para intentar algo e falar diferentemente para expressar sua intenção. Assim:

Princípio 7 (Genuína Intenção de Deus). *De acordo com as Escrituras, Deus não procede maliciosamente, antes, sempre genuinamente intenta exatamente o que diz, como diz.*

2.9 Da Tradição de Deus

As Escrituras mostram Deus revelando-se a si mesmo e o seu plano, *progressivamente*, ao longo da história humana. A *Torah*, ou, o *Pentateuco* — os cinco primeiros livros, de Moisés, de Gênesis a Deuteronômio — já mostra isso claramente.

Partindo de um: “**maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida**” Gn 3.17 (ARA) [1], observamos uma *forte tradição oral entre os descendentes de Adão*, pois Lameque diz, de seu filho Noé: “**Este nos consolará dos nossos trabalhos e das fadigas de nossas mãos, nesta terra que o Senhor amaldiçoou.**” Gn 5.28,29 (ARA) [1]. Segundo as Escrituras em Gênesis 5, esta frase foi dita *126 anos após a morte de Adão*, ou *1056 anos após a Criação*.

Ainda, por causa de um *prometido* “**descendente**” da mulher, de Gn 3.15 (ARA) [1], observamos uma tradição de genealogias nas Escrituras em conexão com a humanidade, seguindo as revelações subsequentes feitas a Abraão, a Isaque, a Jacó, a Judá, a Davi, de Gênesis até “**Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão**” Mt 1.1 (ARA) [1].

Neste processo de formação de uma “tradição de Deus,” certos *elementos-chave, estabelecidos anteriormente*, viram *referências* em falas e revelações futuras, como no caso das “**fadigas**” e da “**maldição da terra**,” no exemplo da fala de Lameque.

Esta crescente “tradição de Deus,” com forte uso de *referências anteriores* permeia as Escrituras e é determinante para uma

interpretação “segundo Deus,” de passagens adiante. Este ponto é importante, porque podemos ser tentados a empregar nossas definições, ao invés das de Deus, para termos-chave que aparecem depois, e assim errar, estando presumidos em nós mesmos, sem identificar a referência bíblica que está sendo feita “segundo Deus.”

Considere, por exemplo, a seguinte passagem:

“atentando, diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma **raiz de amargura** que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados;” — Hb 12.15 (ARA) [1]

Seria esta uma exortação à não disseminação de *sentimentos de amargura*? Talvez muitos, presumidos em si mesmos, concluam que sim, afinal o texto fala de “**raiz de amargura**”!

Porém, na tradição de Deus, o termo já possui definição, na Lei:

“para que, entre vós, não haja homem, nem mulher, nem família, nem tribo cujo **coração**, hoje, **se desvie do Senhor**, nosso Deus, e vá servir aos deuses destas nações; para que não haja entre vós **raiz que produza erva venenosa e amarga**,” — Dt 29.18 (ARA) [1]

Aplicando a tradição de Deus ao texto de Hb 12.15, torna sua exortação muito mais condizente, a saber: a não separar-se da graça de Deus nem seguir após outros falsos deuses, que pode contaminar a outros e perturbar o grupo.

Ora, o princípio da tradição de Deus é bíblico, pois Deus,

através de Paulo, diz:

“Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança.” — Rm 15.4 (ARA) [1]

Aqui cabe acrescentar algo importante, para nós, que, diferentemente de outras épocas, temos *acesso* a toda a revelação, com os 66 livros da Bíblia: folhear a Bíblia é também ‘viajar no tempo’ e, tendo toda a Bíblia em mãos, devemos estar cientes da (i) natureza progressiva da revelação, e que, (ii) em cada época, as referências empregadas serviram para entendimento dos ouvintes, à época! Pois, **“Na verdade, Deus não procede maliciosamente”** Jó 34.12 (ARA) [1]; e assim, *não falaria uma coisa, querendo dizer outra, com um sentido futuro, ainda desconhecido da audiência a quem foi dirigida a Palavra!*

Enuncia-se, então o seguinte princípio:

Princípio 8 (Da Dependência da Palavra). *“Tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito”. “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento”; “adquire a sabedoria, adquire o entendimento e não te esqueças das palavras da minha boca, nem delas te apartes.”*

O Princípio 8 é uma compilação direta de Rm 15.4; Pv 3.5 e Pv 4.5; todos (ARA) [1].

2.10 Do Direcionamento da Palavra de Deus

As Escrituras revelam que a Palavra de Deus é direcionada, primeiramente, à sua audiência original: **“Tendo Jesus concluído**

todas as suas palavras dirigidas ao povo, entrou em Cafarnaum.” Lc 7.1 (ARA) [1], e: “Palavra do Senhor que foi dirigida a Joel, filho de Petuel.” Jl 1.1 (ARA) [1], e também: “Ao falar ele **comigo** estas palavras,” Dn 10.15 (ARA) [1].

Juntando-se a isso a natureza progressiva da revelação, bem como a Tradição de Deus, desenvolvidas na subseção anterior, pode-se extrair o princípio do direcionamento da Palavra:

Princípio 9 (Do Direcionamento da Palavra de Deus). *As Escrituras são primeiramente direcionadas à sua audiência original, de acordo com a revelação a ela disponível.*

3 Algumas Implicações

Buscar⁵ estudar profecia “segundo Deus,” *requer* reconhecer que Deus tem um plano *único* e estabelecido, segundo o conselho de Sua vontade, que este plano é *verdadeiramente* revelado nas Escrituras, as quais, vindas de um Deus fiel e verdadeiro, constituem-se em *promessas* nas quais devemos esperar, as quais, a seu devido tempo, fielmente *cumprir-se-ão*, tal que no futuro serão *verificáveis*, que aconteceram e sucederam *como profetizado* por um Deus fiel e verdadeiro que *intenta o que diz* em sua revelação progressiva, que *nos ensina do início ao fim*.

Agora que os princípios bíblicos estão identificados e embasados nas Escrituras, desenha-se algumas implicações, uma vez que a violação dos princípios bíblicos constitui instrumento inequívoco e cabal para comprovação de escatologias com erro,

⁵Uma vez que os princípios identificados são indispensáveis (necessários), porém não suficientes a estudos “segundo Deus”, usa-se ‘buscar’, uma vez que não se arroga aqui a ‘receita’ de tê-lo alcançado.

como discutido anteriormente, de imediato, reconhece-se as seguintes implicações:

1. Pelo princípio bíblico da *Unicidade da Realidade do Início ao Fim*, Princípio 1, servos de Jesus Cristo não deveriam tolerar a existência de múltiplas ‘teorias proféticas’ ou ‘linhas de interpretação escatológicas,’ pois Deus, que anuncia “o fim”, é o mesmo que exorta, através de Paulo, a que “*penseis a mesma coisa*” Fp 2.2 (ARA) [1].
2. Pelos princípios bíblicos da *Veracidade das Profecias Divinas*, Princípio 2, da *Equivalência Entre Profecias e Promessas Divinas*, Princípio 3, da *Verificabilidade Das Profecias Divinas*, Princípio 4, da *Vigilância Divina à Sua Palavra*, Princípio 5, do *Cumprimento Como Profetizado*, Princípio 6, pelo Corolário 4, da *Alegação de Cumprimento Alegórico*, e pelo princípio bíblico da *Genuína Intenção de Deus*, Princípio 7, **quaisquer linhas de interpretação alegóricas de profecias**, tal que passagens bíblicas não signifiquem o que nelas está escrito, jamais deveriam sequer ser consideradas, seja acadêmica ou devocionalmente, por servos do Senhor Jesus Cristo. Pelo contrário, deveriam ser **cabalmente reprovadas e rejeitadas como pecado de rebelião contra o Senhor, nosso Deus e contra Sua Palavra!**
3. Em razão de que “**Deus não procede maliciosamente**”, considerando a Tradição de Deus e a característica progressiva da revelação, linhas e argumentos de interpretação que recorrem a passagens futuras para explicar termos-chave empregados em passagens anteriores, tal que seu significado torne-se inacessível à audiência da passagem anterior, devem ser rejeitados, por servos do Senhor Jesus Cristo, como manipulação indevida das Escrituras.

Como exemplo, ao estudar o discurso profético do Senhor Jesus em Mateus 24, no qual ele menciona os “**escolhidos**”, devemos buscar a definição do termo no Antigo Testamento, que era a Escritura de conhecimento dos ouvintes do Senhor Jesus em Mateus 24, de onde extrai-se: “**o Senhor, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra.**” Dt 7.6 (ARA) [1], e, portanto, de onde se aprende que as referências aos “**escolhidos**” em Mateus 24, são todas referências ao povo de Deus, *Israel*.

Considere, igualmente, neste caso, o quão inadequado é buscar a definição do termo mais adiante, em Epístolas Paulinas, como em Romanos ou em Efésios, que nem ainda haviam sido escritas — e o próprio Paulo, nem ainda havia sido convertido para então ir pregar e escrever! Conclui-se, portanto, que o estudo de profecias conduzido “segundo Deus,” é sem malícia no trato com a tradição de Deus.

4 Conclusão

É visível na cristandade atual um estado indesejado de uma pluralidade de estudos escatológicos, todos supostamente bíblicos, mas que chegam a irreconciliáveis incompatibilidades nas suas conclusões.

Crendo que há uma forma “**segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade**” Ef 2.24 (ARA) [1] de proceder com estudos escatológicos, que levarão seus estudantes, pelo Espírito de Deus, “**a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.**” Jo 16.13 (ARA) [1], este estudo procurou identificar princípios bíblicos, deduzidos à partir das Escrituras, sob os axiomas de que as Escrituras são verdade e Palavra

do único Deus verdadeiro; que sejam indispensáveis a estudos bíblicos proféticos “segundo Deus”.

Estudos bíblicos proféticos “segundo Deus” não violam nenhum dos princípios, e estudos nos quais *qualquer* um dos princípios é violado, *não pode ser considerado segundo Deus!*

Crê-se também que *qualquer* estudo Bíblico feito “segundo Deus” levará à *unidade da fé*, pois “o Espírito dá testemunho, porque o Espírito é a verdade. E três são as testemunhas: o Espírito, a água e o sangue, e os três concordam.” 1Jo 5.7,8 (PESH) [3].

A Generalização Para Qualquer Doutrina Bíblica

Como mencionado na Introdução, a estrutura conceitual das Definições, do Teorema, sua Prova e Corolários, apresentadas primeiramente no escopo da escatologia bíblica, é generalizável para *qualquer* doutrina bíblica. Tal generalização é aqui apresentada:

Tendo-se em mente abordagens bíblicas doutrinárias “segundo Deus”, à semelhança e em generalização do que foi exposto e estabelecido dentro do escopo da escatologia, a saber, abordagens bíblicas doutrinárias feitas “à maneira de Deus;” aquelas que, baseadas unicamente em verdade, são conduzidas em retidão e chegam à verdade, a saber, como de fato estabelecidas pelo próprio Deus:

Definição 3 (Doutrina “Segundo Deus”). *A doutrina “segundo Deus” é aquela feita “segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” Ef 2.24 (ARA) [1].*

Passa-se também à definição de doutrina com *erro* — entendido como qualquer violação direta de qualquer um ou mais preceitos das Escrituras — ou doutrina com engano, ou enganosa, que não é segundo Deus:

Definição 4 (Doutrina Com Erro). *Seja a doutrina com erro, aquela que incorre em erro, seja nas suas premissas, ou nos seus métodos, ou nos seus processos, ou nas suas conclusões.*

Teorema 5 (Dicotomia Doutrinária). *Qualquer doutrina será ou “segundo Deus”, ou “com erro.”*

Prova do Teorema da Dicotomia Doutrinária. Seja uma doutrina δ_i qualquer, com $i \in \{1, 2, 3, \dots\}$ sendo um índice que numera-a, identificando-a de forma única e inequívoca.

Caso (i) δ_i incorra em erro (contenha erro), será, pela Definição 4, uma doutrina “com erro.” Neste caso, tal doutrina *não* poderá ser “segundo Deus”, pois está escrito:

“Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque **mentira alguma jamais procede da verdade.**” — 1Jo 2.21 (ARA) [1]

violando a Definição 3, pelo erro jamais proceder da verdade.

Caso (ii) δ_i não contiver erro, não incorrer em erro, terá sido feita “segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” Ef 2.24 (ARA) [1] e será, portanto, pela Definição 3, doutrina “segundo Deus”.

Neste caso, tal doutrina não poderá ser “com erro,” pois a premissa de não conter erro viola a Definição 4.

□

Corolário 6. *Nenhuma doutrina pode ser simultaneamente “segundo Deus” e “com erro.”*

Corolário 7. *A união das Definições 3 e 4 contém todas as doutrinas.*

As Definições 3 e 4 dadas são úteis na *classificação* de doutrinas que **devem ser abandonadas** por membros do corpo de Cristo (à luz de Ef 4.7,11–14, citado na Introdução), e aquelas, “segundo Deus”, que **devem ser guardada** e também *criadas, ensinadas e proclamadas*.

Produção

Produzido com X_YL^AT_EX com fontes GaramondLibre, JuliaMono.

Conflito de Interesses

O autor declara não haver conflito de interesse associado a este trabalho.

Agradecimentos

O autor não recebeu nenhum pagamento e/ou fomento específico na elaboração deste trabalho, sejam provenientes de setor público, privado ou sem fins lucrativos.

A YHWH Deus Pai, Filho e Espírito, seja a glória!

Referências

- [1] *A Bíblia Sagrada*. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, Brasil, traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada, 2^a ed. (ARA) edition, 1993.
- [2] *A Bíblia Sagrada Contendo o Velho e o Novo Testamento*. Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília, DF, Brasil, traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. edição Revista e Corrigida (ARC) edition, 1995.
- [3] *Bíblia Peshitta em Português*. BV Books Editora, Niterói, RJ, Brasil, tradução dos Antigos Manuscritos Aramaicos (PESH) edition, 2018.
- [4] Anatole Bailly. *Dictionnaire Grec-Français*. Hachette, Paris, 2000.
- [5] U. Daepf and P. Gorkin. *Reading, writing, and proving: A closer look at mathematics*. Undergraduate Texts in Mathematics. Springer, New York, 2011.
- [6] Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, and Francisco M. de M. Franco. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Objetiva, Rio de Janeiro, 1 edition, 2009.
- [7] Maria da Piedade Faria Maniatoglou. *Dicionário Grego-Português, Português-Grego*. Porto Editora, Porto, Portugal, 1997.